

TROPICÁLIA
CONSUMO & DOR



BANDEIRA TRIBUZI

BANDEIRA TRIBUZI

Ana Amélia, Francisca e Gabriela

TROPICÁLIA CONSUMO&DOR
PREFÁCIO DE OSWALDINO MARQUES

Edições SIOGE
São Luís
1985

Copyright © by MARIA DOS SANTOS PINHEIRO GOMES

FICHA TÉCNICA:

Capa: Geisa Arlene

Composição: Reinaldo

Diagramação: Alzegira Pinheiro e Dilane Nascimento

Revisão: Rossini Corrêa e Oswaldino Marques

Fotomecânica: José Ribamar Amorim

Impressão: Wilson Martins

Encadernação: Francisca Souza

Fotografia: Reprodução feita por José de Ribamar Moraes

Colaboração: Maureli da Costa Santos Corrêa

Caricatura: Fidelis

**Impresso no Brasil
Printed in Brazil**

TROPICÁLIA
CONSUMO & DOR

	O PÃO GERAL.	Oswaldino Marques	9
01	PAVANA DO FIM DO MUNDO.		25
02	POR ISSO CANTO		33
03	TOADA DO MEU DESEJO.		35
04	CANTO IMPURO		37
05	AMÉRICA.		41
06	SONETO DO VIETNAM		45
07	PRECE		46
08	SAMBA / CORAL.		48
09	JOSÉ DA SILVA.		52
10	TEMPO DE CONGLOMERADOS.		61
11	MEDITAÇÃO DA PONTE		63
12	CONSUMO & DOR		68
13	TROPICÁLIA.		72

O PÃO GERAL

Oswaldino Marques

Persisto na convicção de que a obra de todo poeta merecedor desse nome, isto é, que haja logrado o amadurecimento até a cristalização de sua arte, **apresenta uma** criação que constitui a chave-mestra de sua inteira visão estética e humana, suscetível, pois, de identificar-se com a matriz de suas videnças — de seu projeto.

Num produtor de **capolavori**, como Bandeira Tribuzi, que após a sua chancela a tantas páginas soberbas da arte da palavra, o difícil é proceder à eleição do monumento representativo onde se concentrará o repertório primordial das vertentes de seu espírito.

Depois de azougar-me entre opções penosamente relegadas à margem, a saltar de jóias estupendas como “Antroponáutica”, “Em Busca do Tempo Perdido”, “Quandonde”, para “Canção Querentã”, “A Máquina do Mundo”, “Itinerário do Corpo”, “Asa Cruz”, desfazendo-me até do admirável “Breve Memorial do Longo Tempo”, favorito durante largo período, o meu sufrágio se dirigiu, categórico e indesviável, para “Meditação da Ponte”, segundo penso a obra-prima de Bandeira Tribuzi, cume e remate da obra que nos legou o cantor maranhense.

Esta invenção magnífica acha-se incluída no volume que ora tenho a honra de prefaciar e será objeto de minha obstinação exploratória no intuito de descerrar aos olhos dos leitores as alturas a que atingiu o estro do autor de “O Homem em Pele e Osso”, poeta tão encarnadamente comprometido com o social-humano, que, se passado a fio de espada, impossível seria atingir um sem golpear o outro.

Preliminarmente, de balde se refreará a exclamação ao compulsar o poema. Que espantosa premonição! Que faculdade divinatória fez o vate intuir que a sua existência se iria emblematizar e perpetuar numa ponte real que a cidade que lhe é berço lançaria sobre um rio concretamente hidrográfico, mas que, não obstante, é o rio de sua cosmumanidade, de sua trans-vidência!

Assombroso, sem dúvida.

Ver-se-á, contudo, que também isso integra a trama de “reflexos”, de **refluxos simbólicos** de que se entretece o texto inteiro, o sujeito a emitir ra-

diações para o mundo e o mundo a replicar com refrações que se esfacelam sem cessar no foco original.

Algo assim como o fenômeno de interferência das ondas luminosas.

Desafia-nos um jogo especular estonteante que se desenrola numa multiplicidade de planos, que vão da intransferibilidade da consciência para a unanimidade grupal, com as transições inevitáveis em que, pelo desbloqueio da subjetividade, o indivíduo jubilosamente se desnucleariza, socializado.

Não se deixe escapar a ambigüidade do título – “Meditação da Ponte” – o qual se pode entender, ao mesmo passo, ‘meditação que tem como tema a ponte’, ou “meditação concebida, efetuada pela ponte”.

Ressalta a importância disso, de vez que ‘ponte’ aí, como de resto no poema todo, é objeto e sujeito simultaneamente, com a anexação imprescindível da respectiva **relação** mental.

Logo de início, o ‘Eu’ lírico adverte da desnecessidade da existência (concreta) da ponte, pois, se a gente a vir “além dos acidentes” – tome-se acidente no sentido que lhe confere a doutrina aristotélica das essências – pode-se perfeitamente operar com ela trasladada a seu conceito, que é universal e perene. Uma maneira, decerto, por ele utilizada de vincar na nossa mente que a dimensão em que se exige nos situemos é tão-só a da imaginação – plano onde todas as permutas significativas se podem efetuar sem o **placet** prévio do estatuto lógico.

Tanto assim é que ele não vacila em ‘debruçar-se’ na ponte, para comprovar heracliticamente que, embaixo, “passam as águas” mas “o rio fica”. Logo fisgará a atenção do leitor a imprevista antropomorfização do que está sucedendo, pois, num súbito refluxo, agora é o agente lírico que, consubstanciado em ponte, admiravelmente “se passa em águas” e “rio fica”.

Estão, nesse ponto, com rigor equacionados os entes – ponte e ‘Eu’ lírico – e espera-se que ninguém mais se intrigue com a absoluta intercambiância e comutatividade dos dois termos.

O prosseguimento da leitura reclama o exercício constante do que eu chamaria de faculdade de **desliteralização**, ou seja, a malícia de transpor o anteparo referencial da palavra em busca das transignificações aninhadas nas reintrâncias dos símbolos.

Abro um parêntese para elucidar que, na análise presente, farei abstração da pessoa civil de Bandeira Tribuzi e me ocuparei exclusivamente com o ‘Eu’ ou agente lírico, ou seja, com o sujeito do enunciado em contraposição ao sujeito que enuncia. Este poderá perfilhar um quadro de valores inteiramente diversos dos que propõe na materialidade dos seus textos, sem que isso ponha em risco a sinceridade e a lógica internas de suas criações. Claro está que para realizar tal façanha se exigem os poderes inapeláveis de um genuíno artista.

Adiantarei que as minhas afinidades eletivas vão para os autores em que se verifica a superposição das duas individualidades – a cartorária e a lingüística (no caso, **persona**) – mas, quando tal não ocorre, sei guardar a necessária distância crítica para não comprometer a captação final do veio estético.

De regresso ao poema.

A níveis de complexidade mais alta se eleva a voltagem simbólica. O 'Eu' lírico é, não apenas a ponte, mas, de uma só vez, "as águas" que passam sob a ponte e o meio por onde se efetiva a **passagem**. Ficaríamos em débito com a riqueza do processo se não registrássemos que o agente lírico se identifica também com a "imobilidade" no trânsito, a constância interina identificadora do devir...

Tudo se enfeixa e aglutina numa realidade de polivalência pasmosa – uma metaPonte – que é o Poeta: **pontifex**. Não sem razão se insinua que a própria Ponte medita...

Os signos cifrados que, de começo, nos intimidavam até o desalento agora se deixam devassar na transparência das imagens. Torna-se quase fútil apelar para um "espelho mágico", ou "mágica lanterna", pois, nas "águas" da memória nada impede que transcorram

... .. as coisas, as pessoas
pedaços de mim e alheios,
coisas, pessoas, eu, eles havidos
mas estranhamente combinados
em outras formas de ser (mos)
pessoas, coisas, eu, eles.

Tome-se 'havidos' na acepção de 'consumados', 'escoados', 'peremptos', 'transcorridos'. Apreenda-se, demais, o modo astuto por que o poeta se aproveita da transição do substantivo 'ser' para a forma verbal infinitiva 'ser (mos)', imergindo, destarte, o 'Eu' lírico na correnteza figuracional.

Defronteia-nos um 'Eu' integrativo, protéico, transformacional, espécie de campo magnético a galvanizar as limalhas da humanosfera.

Nesse vórtice metamórfico, privilegia-se, em seguida, a aparição da criatura das criaturas, o ser por excelência. É uma mulher, e se orna de todos os amavios, todas as seduções do objeto amado.

O curioso, todavia, é que o desvelamento dessa presença se faz por um inusitado expediente sinedóquico.

Aquilo que vem ao "encontro" do 'Eu' lírico não é um corpo, uma pessoa inteiriça; ao contrário, são uns "olhos", a que se juntam 'sorriso' e 'palavras'.

**Os olhos dela vindo ao meu encontro
absolutamente despídos do que, nos olhos dela,**

**pôs amargura para sempre nos meus olhos;
os olhos e o sorriso e o aproximar
de ambos, vindo como um navio
para seu definitivo ancoradouro.**

Por uma projeção inversa, que se estrutura sintaticamente ao molde de Fernando Pessoa, está de todo ausente dos “olhos dela” (vem “absolutamente despídos”) qualquer coisa que engendre pesar; essa ausência, não obstante, põe “amargura para sempre nos olhos” do agente lírico – maneira de sugerir, creio, que a tristeza que assalta o sujeito do enunciado advém do re-conhecimento, na memória afetiva, da realidade irreconstituível, irrecuperável, dos “olhos” da aparição.

A ressurreição da amada sozinha, singela, continua, por sinédoque, a ser promovida mediante os sintagmas “sorriso”, “olhos”, “palavras surdas-não-mudas”. Eis que, contudo, ocorre um salto qualitativo e se precipitam “todas quantas amei”. Dir-se-ia uma reação em cadeia. Os traços e dados fisionômicos da figura avulsa se confundem com

**... todas quantas amei e me desamaram
e articularam um outro rio (não este
que existe porque não existe),
que foi gerando o pântano da solidão, o' ponte!
como esta tua, apenas testemunha
das inconsúteis águas.**

(Aí, no penúltimo verso, há um encontro silábico – ‘esta’/‘tua’ – cuja dissonância escapou à vigilância do autor.)

O passo acima, de dificuldade sobremaneira tenaz, acha-se inçado de antinomias, as quais, todavia, pronto se diluem se conservarmos sempre em mente que o palco de tudo é a memória – na cabeça do poeta aninha-se o universo. Se não, vejamos.

Que paradoxo! Um rio articulado que gera a solidão – o inarticulado!

No contexto, contudo, isso é cabalmente plausível, visto como, no remate da vida, ao tentarmos colocar em perspectiva, por um retrolâmpago, a experiência processional, restamos aqui, no extremo da fila-indiana – sós!

Tudo é recapitulado na estrofe subsequente, que reza:

**Olhos, sorrisos, palavras não faladas
como me trazeis todas Elas, somando
e multiplicando a cor, o tom, o som, o cristal
de cada uma para despir esta carne sagrada
sobre um leito ponderoso de águas:
seu(s) cabelo(s) caído(s) sobre o(s) ombro(s)
– noite ou sol –, as pálpebras amortecidas,**

... ..

É aí que se ratifica o trânsito das amadas irrelatas (“todas Elas”) para a Amada que é a soma e a suma, o produto da multiplicação das precedentes. Com a edificação do símbolo, compreende-se que seja também a esta altura que se verifique a passagem do profano para a sacralidade. (Não se tome ‘sacro’ por adstrito a qualquer seita ou confissão religiosa, mas por uma predisposição que se introjeta sob o córtex do inconsciente coletivo.)

A transubstanciação – uma canonização quase – consuma-se na “carne sagrada” da mulher una – substantiva, arquetípica. Somos arremessados, neste ponto, aos altiplanos do mito e é em tal clima que se inicia o rito do desnudamento do corpo ‘sagrado’ “sobre um leito ponderoso de águas”.

Sabe-se que ‘água’ é um vetusto arquétipo de delíquio orgásmico, da inundação fecundante do ventre feminino. (Sem querer, reincido nas imagens aquáticas...). O adjetivo ‘ponderoso’ empresta turbidez, certo caráter abissal ao rio, pois, numa região dessas, urge conceder espessura ao mistério.

No penúltimo verso do bloco transcrito antes, dá-se uma verdadeira superposição dos dois planos, com a transfusão do singular no plural, e isso graças a um expediente sobremodo simples, mas de eficácia a toda prova, a saber, a colocação entre parênteses do índice do plural (para suprir o morfema zero):

“seu(s) cabelo(s) caído(s) sobre o(s) ombro(s)”.

Como que se presencia a lenta e paulatina fusão do múltiplo no uno...

Desdobra-se, a partir daí, inesquecível seqüência descritiva do ludipugilato do enlace amoroso, entremeada de superlativos *Einblicke*, intuições primorosas, o todo compondo um dos mais altos momentos da invenção lírica de Bandeira Tribuzi.

Rendo-me à tentação de reproduzir esta passagem antológica:

**Vejo-te a planície que das regiões elevadas desce
para o grande vale sagrado
onde musgos suaves mal escondem
o tabernáculo do prazer com sua gruta
recôndita e úmida.
Tremem tuas coxas nervosas como um potro
pronto a cavalgar infindáveis campinas
e assim oferecida e mansa vens oferta
à minha solidão para que nos povoemos!**

O estado abismal, prospectivo, em que o agente lírico se encontra, a desrepresar na memória o rio de sua experiência, confunde-se, parece, com o desapego, o desgarre do sono, porque diz:

**Eis que ouço um surrurroso sibilar de águas
Desperto.**

Apaga-se de contínuo “a lanterna mágica”

**e sou apenas nesta ponte ímpar, só,
com o rio (ir) real sob nós indo e estando
como vou e fico: para sempre? Até quando?**

São flagrantes as antilogias, a cerração referencial predomina, o que leva a presumir-se que se trata de um sonho dentro de um sonho. A vigília alcançada (“Desperto.”) é, supõe-se, o retorno do sonho à 2ª potência, dado que o agente lírico continua a ter debaixo de si um rio “real” e “(ir) real”. Além disso, conquanto ele se declare “só” “nesta ponte ímpar”, já no verso seguinte, o sujeito se pluraliza ao incluir-se na esfera de um “nós”.

A translogicidade ostensiva do universo do discurso, com o rio “indo e estando”, o ‘Eu’ lírico deslocando-se e “ficando”, aponta para a subsistência, a conservação do sujeito do enunciado no primeiro estágio onírico – o sonho de 1.º grau.

Aliás, não nos fará falta alguma o descarte destes degraus, desta escala de **desrealidade**, porquanto, como já sabemos de sobra, o nosso domínio é o da imaginação e aí impera um estatuto, um cânon, de radicalidade total, subversor de nossas pobres categorias discursivas.

O agente lírico **medita** num espaço/tempo reversível e metamórfico, atravessado pela pluridimensionalidade.

Se é concludente a análise em que me empenho, chegados somos ao ponto nodal do poema, onde se dá a virada que vai imprimir ao arremesso inteiro da inspiração o impacto decisivo que leva do funil, do gargalo sufocante do individualismo à amplidão escâncara do social, do humano, do coexistencial.

Com o despertar, ocasionado pelo “sussurroso sibilar de águas”,

**Acende-se novamente a visão outra das coisas,
das pessoas, de eu, de eles, mergulho
no outro rio da (in) verdade verdadeira
e impossuída.
Somos agora milhões. Todos. É madrugada.
Um imenso rebanho de animais e plantas
nos oferece, às todas mãos-dadas, a litania
do seu mel, do leite alvo como os seios da amada,
os frutos maduros e doces como sua boca,
a fartura terna e irmã da abundância
pacificadora como a posse dos corpos.
Ouço cânticos gerais.**

A gana transgressora não subverte apenas a normatividade lógica, mas atinge também o estrato da sintaxe, da semântica, do léxico: “de eu”; “reba-

nho de . . . plantas”; “às todas mãos-dadas”; “a litania / de seu mel” . .

Sublinha-se, atente-se bem, que é outra a “visão das coisas”. O novo mergulho é “no outro rio da (in) verdade verdadeira / e impossuída.”

Parecem-me tais contralogismos, expressos por desnorteantes oximoros, certo um recurso estilístico para reafirmar o alcance da meta ardentemente cobiçada, quando mais não seja, mercê do projeto da utopia, o que de modo algum lhe subtrai o lastro de plausibilidade. Assim se explica por que se postula uma “(in) verdade verdadeira”. Isso, muito mais do que uma travessura verbal, é uma audácia exemplar do espírito, o descerrar indômito de um horizonte de expectativas resgatadoras.

Digno de reflexão é o fato de que o ritmo dominante, estruturador da significação geral do poema – a visão última por ele edificada – está, como já se começa a prefigurar, teleologicamente comandado pelo apelo à identificação com o social humano – o escavado talvegue da espécie que por derradeiro receberá os afluentes de origem vária – mas o impulso da inspiração é compelido a derivar previamente pelo declive da experiência afetiva, num indistigável privilegiamento de Eros sobre o **politikòn zôon**, muito embora tal se revele não mais do que um momento do processo dialético subjacente.

Dito de outro modo, é pela mediação da Amada arquetípica que o agente lírico deságua na **humanitas**. Estamos a um passo de uma gnosiologia erótica de Bandeira Tribuzi.

Esta **chegada** – atrevo-me a anunciar – é que constitui a meta suprema do ‘Eu’ lírico, definida, nos termos do verso citado mais de uma vez, como “. . . o outro rio da (in) verdade verdadeira”.

O prefixo negativo entre parênteses, insistimos, não deve ser tido por uma diabrura vocabular; ao invés disso, cumpre entendê-lo cumulativamente como o indicador da vertente em que continua a defluir a “Meditação” – ou seja, a órbita do imaginário, da visionaridade.

O poema agora estala por todas as costuras do molde confessional, lírico – ganha registro épico, um tom de celebração.

Ouçõ cânticos gerais.

e o chão povoado de pessoas felizes como coisas:

pedras, animais, plantas. Um frêmito

nos povoa a todos, igual ao do corpo

deslumbrado e nu que antes viera

para minha solidão nas marés breves do rio.

Como contraparte, delineia-se aqui um desorientador anticlimax que nos instala numa atmosfera pressaga. O sujeito do enunciado volta a debater-se em ambivalência inquietante, pois é repossuído do sentimento de solidão,

após se “desacenderem” as “imagens mágicas”. Há um novo regresso à vigília, um estremunhamento, dir-se-ia, do transe. “. Toco meus olhos / para despertá-los de mim. E os reabro . . . ”.

Nisto, desponta uma

. . . outra imagem refletida (não reflexa)
que de minha solidão projeto da ponte no rio
ou a ponte permite que o rio em mim projete.

A “Meditação” assume aqui o mais alto grau de opacidade. Guiamos-nos graças tão-só a vislumbres capturados através de avaras frestas.

Arroja-se o ‘Eu’ lírico em rumos que se repelem, se excluem. O “mar da multidão” onde, como “um fio no novelo do rio”, ele se “desembrulha”, logo se lhe demuda na “solidão maior”.

Ora reconhece que se acha em estado de consciência, ora admite que se encontra imerso em penumbra, e não sabe dizer ao certo se vê uma sucessão de coisas” . . . no mar deste rio / – espelho mágico –”, ou se tudo não passa de projeções, aí, de sua própria imagem.

Proponho um interlúdio ao leitor a fim de que testemunhe que eu não tento esquivar-me a nenhum desafio atirado pelo texto. Chamo uma a uma as dificuldades e as arrostro sem apelar para qualquer tipo de escamoteação.

Se, vez por outra, os resultados são parcos, é porque as vias do poema mergulham num túnel que vai ficando cada vez mais soturno, desalumiado.

Uns coágulos de claridade, todavia, nos deixam entrever a reparição dos “olhos”, dos mesmos olhos que se nos haviam deparado a partir da segunda estância, com a diferença de que, no trecho presente, eles não mais vêm ao encontro do ‘Eu’ lírico, “. . . como um navio / para o seu definitivo ancoradouro”; bem ao contrário,

“. – vão, partem
mesmo quando chegam, uns olhos que põem
os desnudos corpos amados além
como se uma lente se fosse fazendo míope
e os fosse atraindo na noite da miopia
para a distância, o longe, o nunca-mais;”.

Por uma vicissitude talvez insanável, um fatal erro de máquina (trabalho com o dactiloscrito) deixa em suspenso uma ambigüidade que invalida os esforços no sentido de decidir-se se “os olhos”, na verdade, vêm ou vêem, porquanto o dactilógrafo grafou simplesmente **veem**. (Em vários passos do original o poeta revela indecisão quanto à ortografia da 3.^a pessoa plural do indicativo presente dos verbos **vir**, **ir** e **ver**, o que faz pressupor que ele mesmo haja

batido o texto.).

Estou, todavia, bem propenso a crer que a forma verbal é, de fato, vêm, em face da oposição vir – ir, veiculada pelo verso:

**uns olhos que não vêm – vão, partem
mesmo quando chegam,**

Sabe-se do acontecimento que representou para Bandeira Tribuzi a poesia de Fernando Pessoa. A veracidade disso é confirmável no texto sob análise. O enquadramento, a clave concepcional, o espectro reflexivo de “Meditação da Ponte” guardam algum parentesco com criações pessoais do recorte, digamos, de “A Tabacaria”. Até certas práticas formais sintomáticas de Pessoa – diria quase sestro – como o emprego peculiar de orações reduzidas do infinitivo e do gerúndio com função objetiva, subjetiva e até mesmo de adjunto adverbial, são observáveis na sintaxe tribuziana. Por exemplo:

“. Estou pois debruçado / em não haver a ponte.” “Mas sob a ponte que me é sob, / sob o meu sentimento de habitante da ponte / e sob o não-saber se sou menos ou mais / do que pensar que ela me acolhe e permite,”

Pelos amplos panejamentos e pela ambiciosa instrumentação conceitual, o nosso texto traz à mente também “Sóbolos rios que vão...” e a Canção IX, “Junto de um seco, fero e estéril monte”, geniais invenções de Camões.

Frise-se logo, porém, que o poeta mantém a sua perfeita autonomia de vôo, sem a mínima subserviência a seus modelos. A originalidade tribuziana em nada fica chamuscada com a vizinhança desses astros.

Pois bem, retomemos a exegese que vimos ensaiando.

Por complexo que seja o painel de significações que se desdobra diante de nós, acaba por desenhar-se, como se entrevisto por uma lâmina esfumada, o entendimento de que o ‘Eu’ lírico, retroarreatado para um espaço contrário, por ação de uma figurada “lente” que “se fosse fazendo míope” e “fosse atraindo na noite da miopia” “os desnudos corpos amados” “para a distância, o longe, o nunca-mais” – o entendimento, dizíamos, de que o agente lírico deplora, com acentos dos tragedistas gregos, a desnaturação de um princípio superior de Vida, a corrupção do humano em tão alto grau que as criaturas se desreconhecem entre si e resvalam umas pelas outras emparedadas na alienação.

**as coisas, as pessoas, eu e eles (nós-vós)
iguais aos desiguais quotidianos, desirmãos,
com as mãos sujas pelo óleo do sangue,
das lágrimas, do suor dos irmãos,
a boca cheia de palavras pantanosas,
a ambição florindo sobre a lama como rosa fétida,**

flor homívora e insaciável,
as pessoas se desmudando em coisas:
um rebanho de coisas desamparadas e inúteis:

... ..

O poema é circular. Inicia-se regido pelo módulo do auto-exílio e conclui-se num clima de quase desterro. Mas, entre esses dois pólos, o poeta dá volta ao mundo.

À medida que se avizinha do epílogo, a “Meditação” vai assumindo o registro de um solilóquio, vai afunilando-se, entunelando-se, enconchando-se, no que caminha *pari passu* com o agente lírico que se vai infletindo sobre si mesmo até que, com a nadificação de tudo – do rio, das águas, da ponte – se confunde irredutivelmente com “. . . um vão / de solidão.”

Não pode haver consumação mais excruciante, desenlace mais imprevisível! . . .

Aqui, porém, se dá algo que talvez nem o próprio autor chegou jamais a pressentir.

O poema, vingando-se sem complacência de seu demiurgo, refuta gloriamente o Poeta, pois a “Meditação”, de ponta a ponta, nos povos, nos desnudece, nos rearticula a mensagem da refraternização, nos resseiva a palavra da co-existência solidária, enfim, nos reomifica. Re-homi-pontifica!

Julgo haver explicitado a natureza matricial da obra até agora em foco.

Dela, pode-se, por uma espécie de maiêutica de uso na crítica literária, extrair as várias direções em que se esgalhou o espírito criador de Bandeira Tribuzi.

Os vectores que se irradiam desse núcleo autorizam, sem dificuldade, a sua capitulação entre as modalidades da poesia de denúncia ou de contestação social; lírica – erótica ou especulativa; de orquestração heróica; ou até de inflexão dramática (notar a variedade de *personae*, portanto de “vozes”, dissimuladas na tessitura da “Meditação”).

Fazendo convergir nossa atenção agora para o *corpus* constituinte do presente **Tropicália Consumo & Dor**, caberia ressaltar, entre as páginas de protesto mais ostensivo, p. ex., a secção XX de “Pavana do Fim do Mundo” (título que recorda o *Quatuor pour la Fin du Temps*, de Messiaen). Toda a “Toada do Meu Desejo”. O esplêndido “Samba / Coral”, que se entretetece de celebração da vida e de desmascaramento intrépido da desigualdade social, do racismo, da histeria belicista, bem como da exploração do homem pelo homem. (Há, de quebra, instigantes soluções formais, com rimas audaciosas – “grande” / “grão de”; “vê-se o” / “avesso” – além de memoráveis versos: “se a fome é igual / e o pão também / e a Terra é mãe / por que não vem / o Pão geral?” “Haverá amanhã de Homem / se do Homem não é irmão? / – EU DIGO NÃO.”). O sinfônico “América América”, construído com estrofes caracteri-

zadas pela polimetria e percorrido de um frêmito de ode.

Aqui, também, podem alinhar-se as produções na clave satírica ou do humor, pois apraz amiúde ao poeta borrifar a carranca da impostura com o vitríolo do riso. Quem não se deliciará com este dístico lapidar de “O tempo dos Conglomerados” – “para evitar insultos cerebrais / os crânios são inflados de vazio”? Ou com este: “e o quarto de hora do amor diário / e fêmas com eletrônico ovário”?

Por diapasão análogo se afinam o demolidor “Várias Hipóteses de José da Silva”, permeado de escolásticas distinções entre o ‘José da Silva’ – *genus* e o ‘José da Silva’ – *individuu*, assim como as dez partes em que se estrutura “Consumo&Dor” que, já desde o trocadilho do título, desconjunta o carunchado pardieiro capitalista.

Entre os belos frutos do estro lírico, de entoação confessional (embora, em Tribuzi, o intimismo raro não se tinja de comunal), cite-se “Por Isso Canto”, quintilhas e sextilhas em metro de arte menor; a robusta exibição de virtudes paisagísticas que, em “Tropicália”, se inicia com “Cadê os pintores do meu país estranho, / cadê os pintores que não vêm pintar?”; além da inesquecível seqüência do vertigem erótica, constante de “Meditação da Ponte”, seqüência essa já posta em relevo.

Não me deterei a evidenciar os componentes outros da poesia de Bandeira Tribuzi, tais como se acham representados neste livro – o timbre heróico, o dramático etc. – porque o leitor sensível logo discernirá as várias cambiâncias do seu espectro verbal.

Prefiro, neste ponto, aproximar-me de uma faceta de sua obra que demanda um esclarecimento judicioso. Tenho em mente sua tomada de posição face a um apelo de religiosidade.

Ninguém ignora que o poeta experimentou uma formação devota, tendo chegado mesmo aos umbrais do sacerdócio católico.

A partir do momento, porém, em que foi sacudido pelo cataclisma ideológico do nosso tempo – e tal se verificou ainda no mosteiro onde conduzia seus estudos em Portugal, à época da tenebrosa derrama das hordas do Demogorgon-Hitler – ele, pelo menos no que transparece de sua poesia, pôs entre parênteses a transcendência, como o fez Husserl com o ser mediante a sua célebre *Epoche*. Foi mais longe ainda – atreveu-se a lançar aos céus certos reptos no tocante à inerradicabilidade do mal reinante na Terra. (Era a teodicéia que o vate punha em questão.).

Não é este o ensejo de eu apreender a escavação dos vários estratos de sua obra, a fim de trazer à tona os elementos indispensáveis à fundamentação exaustiva do que ficou dito.

O assunto, aliás, só tem importância colateral e assim mesmo em correlação com testemunhos, como o oferecido pelo padre João Mohana, de que

Bandeira Tribuzi, no seu leito de morte, buscara a reconciliação com a divindade. Para uma tomada de contato com essa versão, remeto o leitor à homilia que o ilustre prelado e escritor maranhense proferiu ao azo do primeiro aniversário da morte do poeta.

Quanto a mim, só me cabe dizer que, no rastreamento da pluralidade de motivos e temas presentes aos textos enfeixados em tomos até o momento dados a lume, entre os quais motivos se encontram naturalmente indícios de inquietação religiosa, nada encontrei que sancionasse a presunção de que o autor se houvesse decidido a perfazer a viagem de volta ao regaço da fé.

Eu poderia até, ao invés, estribar-me em mais de um passo para imprimir rumo contrário à conjectura, o que bem afagaria a minha condição de materialista conseqüente.

Para não me desviar, todavia, do programa que me propus de começo, de não conceder prioridade à pessoa empírica de Bandeira Tribuzi, antes dando o realce máximo ao agente lírico, conferirei peso maior à questão de saber se o autor, quando no trato de tópicos dessa natureza, o fez segundo exigentes padrões de qualidade poética. É afirmativo o meu pronunciamento.

Cinjo-me, por suficiente, a reproduzir passos constantes de textos do presente livro, bem como alguns colhidos do Apêndice à prestante monografia, **Pela Cidade do Homem** (Uma interpretação de Bandeira Tribuzi), de autoria do crítico e poeta Rossini Corrêa, onde se reúnem 24 poemas do cantor, éditos só em periódicos.

... ..
que eu senhores estou farto
de tantas medidas, uras,
de santidades históricas,
... ..
... ..
de tantas panças católicas
apostólicas ó ólicas!
(Raios partam! Estou farto!)

(“Pavana do Fim do Mundo” – I)

Homens há poucos que vêem
que há festas de caridade
em que a caridade está
em certo esfregar de corpos
e que dessa caridade
só se alimentam os mortos,

... ..

(Idem, II)
Sei de certa piedade

que se recolhe a conventos
não sei nem quero saber
tragédias que lá se passam.
Mas sei que só certos túmulos
darão a paz verdadeira...

(Idem, X)
Com mais pão e menos fome,
mais amor distribuído,
... ..
... ..
e um novo claro horizonte
contra este céu corrompido!

(“Toada do Meu Desejo”)
Morte
Onde
Repousa
Teu
Espírito!

(“Final de “Canto Impuro”.)
... ..
... ..
quando a vida
é mão colhendo abricós e sabiás,
sábua no jeito de outras mãos
e o amor o único despacho
de todas as Igrejas sem igreja.
Assim seja!
(Fecho de “Tropicália”)

No poema “Antes que Seja Tarde” (vide Rossini Corrêa, *op. cit.*, pág. 77.), o poeta concebe a morte como um “sonho” “sem manhã” de onde não se acorda, e proclama taxativamente: “não há noite além”. Nada mais distante da crença numa outra vida. Há aí, também, referências à divindade – num caso, no plural “deuses”; no outro, no singular, porém com inicial minúscula.

**Dê-me deus mais, antes da paz que, um dia,
ganharei – saldo a humana transação –
ao menos uma rima de canção:**

... ..
... ..

Bandeira Tribuzi, que sabia latim, traduz por uma perífrase o termo **defunctus** (particípio passado de **defungor**), que significa 'saldar a dívida com', no caso, estar rigorosamente quite com a vida.

Em "Credo" (*ibidem*, pág. 79), rejeita-se, de modo irretorquível, qualquer suposição de que o poeta acariciasse o intuito de tornar-se um reconverso, de empenhar-se em ser readmitido no seio do Pai místico.

Recomendo essa grande página à atenção do leitor, onde há, por parte do vate de "Antroponáutica", decisiva profissão de certeza materialista, expressão inequívoca de confiança na ciência, e absoluta convicção do fim próximo da lepra, do parasitismo capitalista.

**Creio nos males da moeda
e no furto da mais-valia
que fazem deste bom planeta
arena da pior vilania**

... ..
... ..

Instrutiva seria também a leitura de "Elogio (e Réquiem) do Café Society" e de "Megalópole, História e Tempos" (in Rossini Corrêa, *ibid.*, págs. 92 e 97.).

Em ambos, há alusões **cum grano salis** a vezos da religião oficiosa nossa. Cito apenas passagem do primeiro:

**Gente tão feliz que depois
de viver feliz neste vale
de lágrimas para milhões,
paga missas e devoções
para comprar muitos perdões
e imensas absolvições
que a levem sem contrições
ao paraíso celestial...**

Observo, de raspão, que, quase ao termo de "Elogio (e Réquiem) do Café Society", o poeta obliquamente atribui a Schopenhauer uma obra que teria por título "Acima do Bem e do Mal". Na realidade, trata-se de Nietzsche, au-

**PAVANA DO FIM
DO MUNDO**

I Eu fui gerado em prazer
e fui parido com dor
e quando mamei mamei
e é por isso que direi
com palavras de estupor
o que tenho de dizer:
Que nós aqui vamos indo,
vamos indo flutuando
vivendo de quando em quando
como a sorte determina.
Raios partam dor de dentes,
dor de cabeça e de peito
– exceto dores de parto –
que eu senhores estou farto
de tantas medidas, uras,
de santidades históricas,
de viúvas tão honestas,
de tantas virgens que o foram,
de tantas panças católicas
apostólicas ó ólicas!
(Raios partam! Estou farto!)
Que ou ISTO se simplifica
ou me complico e nos mato.

II Homens há. . . Cadê os homens?
Mas homens há certos poucos
que ainda chamam as coisas
com os nomes delas próprias.
Homens há poucos que vêem

que há festas de caridade
em que a caridade está
em certo esfregar de corpos
e que dessa caridade
só se alimentam os mortos,

quando a caridade está
em chamar-se a um burro – burro
e em chamar-se porco a um porco.

III Certos poucos homens vêm
certas feridas chagadas
por sob meias de seda
e certos lábios pintados
com bom baton de papel.
Sabem de certas entregas
que não são lua-de-mel. . .

IV Certos poucos homens sabem
que há prostitutas com filhos
e há belas damas ó amas
que se espremem, se escangalham,
assassinam e esfarrapam
para que os homens não delas
reposem em sua carne
os olhos depois o sexo. . .

V Certos poucos homens sabem
que há homens tão bons maridos,
tão bons pais, tão sociais,
tão amantes das esposas
que só se sentem felizes
Na cama de outras não suas.

VI Certos poucos homens sabem
que há crianças que não brincam,
homens feitos que não pensam

porque lhes doem as culpas
que a seus avós não doeram.

VII Sabem isto e muito mais.
Ora não sabem por quê.
Contudo porque é simples
Porque – aqui o direi
Embora saiba que dói
a certas almas de escol
ou escremento de boi.

VIII Mulher cujo sexo arde
cujos nervos se consomem
cujos seios se definham
e cujo ventre se estreita,
se não há homens no mundo
morde de amor-de-outro-mundo
o primeiro qualquer-homem
que for um macho fecundo
e terás a honra escrita
sobre a carne satisfeita,
Homem tu, bom animal,
flor acre de pensamento
e força de fecundar,
se é que uma mulher qualquer
tua mulher tem de ser
por falta DESSA mulher
que não fosse uma qualquer,
vai navio e prende amarra
em qualquer ancoradouro
onde haja sol e haja vento
e em flores de carne crava
a força de tua garra!

IX Meu filho, meu camarada
ou meu irmão ou meu ódio,
hoje havia sol na praia,

havia frutos e sombras
para descansos e beijos
e nós fechados nas casas
lutando por existir
e a praia dos caranguejos.
Meu filho, meu camarada,
ou meu irmão ou meu ódio
domingo irias à praia
com a mulher e as crianças:
Porém domingo choveu. . .

X Já vi mulheres histéricas
e suas noites tremendas
porém não conheço um caso
só de histerismo nas éguas.
Sei de certa piedade
que se recolhe a conventos
não sei nem quero saber
tragédias que lá se passam.
Mas sei que só certos túmulos
darão a paz verdadeira. . .

XI Certa Maria qualquer
amou com força tão grande,
pariu com tal convicção,
trabalhou com tal bravura
– mesmo sem chegar a ser
aquela mulher perfeita
de que não há escritura –
que bendigo seu mau hálito
e lhe beijo a vida pura.

XII Certo homem mascarou-se
(que o dinheiro que devia
ninguém podia esperar).
Certo homem mascarou-se,

botou a língua de fora
e deixou cair os braços,
os pés e pernas sem nexo,
deixou cair a cabeça
com toda a língua de fora
e a face de carantonha.
Mascarou-se pendurado
duma árvore qualquer
somente para brincar. . .
(Que o dinheiro que devia
ninguém podia esperar)

XIII O sol de domingo diz
que ISTO é um mundo feliz:
Ora porém por detrás
de certas grades, que eu sei
não são grades de jardim,
alguém se espanta e detém
de ali estar por um caso
banal de simples facada
e odeia o mundo com ódio
que aqui sequer se descreve.
Porque nunca teve um beijo
de sua mãe que não teve.

XIV Vem sim! Porém se te atreves
se julgas poder viver
ao lado dum animal.
Se julgas poder amar
uma força verdadeira
e terrena e natural.
Vem se não temes altura.
Vem ver a beleza pura,
outro céu, outra ternura,
minha mulher companheira

XI Meu filho, quero que saibas

só as palavras sinceras;
quero que só compreendas
as intenções verdadeiras;
quero que durmas à noite
com o olhar nas estrelas
e que ames as aventuras
e uma coragem tão certa
que uma ave mal ferida
nela se aninha e aconchega.

XVI Aqui as árvores sonham
o horizonte parado!
Aqui as aves murmuram
ou gritam de amor concreto!
Aqui as águas embalam
de frescura o tão sossego!
Porém, em baixo, a cidade
guarda um ódio em cada beco.

XVII Por estes campos desertos
a solidão paira calma:
só se houve o urro dum boi
dormente no ar redondo.
Boiadeiro tem nos olhos
mil paisagens de aventura:
todo seu corpo estremece
quando olha ao longe a planície
e ainda sabe quanto vale
haver no mundo um amigo.
Porém nós, deuses supremos,
que gesto amigo sabemos?

XVIII Ora porém sei também
de certa moça que tem
(digo errado porque gosto)
que foi tão forte sincera
e tão bem soube mentir

que o mundo que se nos fecha
às suas mãos se há-de abrir...

XIX De certas mulheres sei
que sendo são e não são
um certo nome que os homens
às mães de outros chamarão.
De certas mulheres sei
que o são talvez por destino,
por fome de amor, por falta,
de luz mais outra que a delas,
por defender outras sinas
ou por fome ou frustração.
E porque sei lhes perdôo:
lhes encho a noite de estrelas
e aqui lhes peço perdão.

XX De mim sei que não me calo
enquanto houver poesia
e me a garganta der voz.
Canto forte, canto bruto,
canto feroz, canto faca,
contra o erro que me esfarpa;
canto pelo que de mim
me constrange verdadeiro
e um resto bom que há em nós!

XXI Barco parado: olha o vento
Mão presa: tens pensamento.
Flor murcha: tens o meu peito.
Virgens: tendes o meu sexo.
Noite enorme eu te ilumino!
Pensamento, por que paras?
Coração, por que não gritas?
Mãos, que é feito da carícia?
Braços vós tendes destino,
Menino tens tua bola.

Velho tens tua lembrança,
Menina tens tuas tranças,
Moça tens espelho e seios,
Rapaz que é de teus anseios?
Viúva – pai pra teus filhos!
Fome, por que o teu nome?
Palavras, por que mentis?
Coração, por que desvias?
Mão rica, por que te fechas?
Gesto bom, por que te esqueces?
Falsidade, por que aumentas?
Nudez, para que te vestes?
Lenço azul e não acenas. . .
Saudades, escondes as lágrimas?
Lágrimas frias salgadas
por que mordeis certos lábios,
escondeis certas tragédias,
fingis tamanhas comédias
e não rolais, engrossais,
não sois rio e transbordais,
nos afogais e acabais
com tal miséria de vez
para que o mundo regresse
à força de que se fez?

POR ISSO
CANTO

Nesta teima de cantar
nenhuma canção me basta.
Que minha vida é teimar
em estar e para estar
só cantando a vida é vasta.

Porque é estreito demais
esta real que tocamos,
pobres bichos imortais
que futilmente teimamos
em gostos transcendentais.

Se devo ficar (e fico)
doirado de sonho e mudo,
ao menos em vão explico
com falso belo veludo
minha pobreza de rico.

E, para que viva, canto
na vida que nos é dada
o som de maior encanto
da quimera desgarrada
que a dor faz não doer tanto.

Minha alegria que tenho
e ofereço sem pudor
aos de quem, próximo, venho
tentar disfarçar a dor
teimosamente a sustento

de meu ser interior.

Dói em mim não sermos todos
o que sonho que serei,
dói, posto não tenha modos
de ser o que me sonhei,
e em mim a maré dos lodos
me faça o que desprezei.

Mas a alegria não pára
porque não pode parar:
farol que as noites aclara
e não deixa naufragar
a nau que desabrigada
agoniza à flor do mar.

Já me não dói o que doa
em meu sangue e minha carne.
Que a dor de todos tomou a
minha dor para queimar-me
no fogo que nos magoa
e em que nossa alma arde.

A mim, que chamo de irmão
todo o bicho semelhante
onde um rubro coração
se consome a cada instante,
me resta a contribuição
de matar a dor que cante.

Por isso canto: por mim,
pelo que me faz cantar —
— o amor que do sem-fim
me veio para te amar —
e por nós e por que vim
para este canto nos dar.

TOADA DO MEU DESEJO

Desejo o mundo que quero –
– quero o mundo que desejo.
Diferente do que vejo
meu desejo quero e espero
e aguarda apenas o ensejo.

Maior por ser desejado
pelo coração do povo,
é navio carregado
de ardente futuro novo
tão longamente esperado.

O cais de ser esperado
é feito de dor e luto
e algum sangue derramado
clamando um apelo mudo
que se espalha, som magoado
na carne triste do mundo.

A voz de muitos o chama
e ele tarda mas responde.
Rio lento se derrama
nas terras que muito ama,
cantando como uma fonte.

Todos esperamos como
se espera um sinal no céu
para que venha com seu

perfil de alegria e assombro,
dar o que ninguém nos deu.

Com mais certeza que pressa
aguardamos o esperado
tempo da nova promessa
que por nós nos será dado
na manhã que já começa.

Certeza que já é posse
do que teremos ao termo
da dura vida no ermo:
um mundo que menos fosse
sombria noite de inferno.

Com mais pão e menos fome,
mais amor distribuído,
mais – liberdade. – teu nome
nos corações aprendido
e um novo claro horizonte
contra este céu corrompido!

Cantar ajuda a passar
o tempo só de esperança
e o canto faz despertar
quem jaz em falsa bonança,
para que possa alcançar
o que cantando se alcança.

CANTO IMPURO

Não tenho em minhas mãos nenhuma estrela
e outros brinquedos tão comovedores
como a trombeta azul e os cães de caça
chamando príncipes ao real enredo,
mas apenas – de amor – quatro palavras
sem mito e sem ruído
e o malmequer dos acontecimentos.

Talvez que teu ouvido vá romper-se
ouvindo o cantochão sem melodia,
bárbaro e duro coração desfeito
ao sopro de diários ventos sujos
que não vêm do norte indevassável
mas em nós se levantam, cheiro amargo
de meia-morte em corpos vacilantes,
candeia triste e ameaçada sempre!

no teu jardim as rosas pastam sonhos
e o piano se levanta em amplas valsas,
confundidas no cheiro das camélias
e em brancas mãos, sorrisos intocáveis
de alma aberta em pétalas de espuma. . .
Por isso te seria bem mais doce
que insistisse nos ventos de Novembro
e o sagrado Natal, a repetida
noite silenciosa. . .

Porém são pedras as palavras, frio
punhal te cravo – acorda! Resistimos
longe de tuas rosas, tristes homens,

carne cercada, bestas compelidas
e um banco de jardim acolhe, duro,
o sono recusado.

A ceia que nos cabe são viandas
de desespero e pão abandonado,
regado em vinho de desprezo amargo
e em sangue que os mancha a salva de ouro.
Como falar de vós, donos da vida,
que povoais o mundo dos jornais
com vosso olhar seguro e o aparato
dos deuses, quando a vida se recusa
a nós que fabricamos a existência
em dor, em silencioso sofrimento?

Não, a nossa razão é o nosso canto,
um canto feito de contida raiva,
duras palavras, carne insatisfeita,
amor asperamente conquistado
e recusada vida!
Que sabemos de deus ou do infinito?

Sabemos que a manhã nos trás apenas
a tarefa diária de existir:
leite sem gosto, pão mal degustado,
mastigação de dúvida e incerteza
entre o pavor do tráfico e do mundo!

Como sonhar se os outros nos comprimem,
a congestão das ruas nos provoca
e, ao fim, nos espera, impiedoso,
o destino da vida emparedada?

O gesto limitado, sem impulsos,
contido amor, contido sonho e sempre
roçando em nós a vida, a vida viva
que se reparte em carne e objetos!
Nela tocamos: a mulher amada

nos foge e nosso corpo ficará
com sua forma impressa indestrutível.

Há meias, há sapatos, vestuário,
carteiras, filas, tuas mãos, paisagem
(vista em poucos momentos), objetos
pendurados em ti, no semelhante,
corpos, gestos, bengalas, mutilados,
alimentos, remédios e a cidade
palpável de avenidas e edifícios.
Aqui é tua vida – e não tens fuga!
Eu a sinto concreta, real, pesada,
também corpo – vida prodigiosa
se repartindo e se multiplicando.

Há ainda:
a troca de insultos,
ódio rápido,
rápido amor,
o atropelamento,
o jornal sujo
de tinta e notícias,
uma criança,
o cão, o rádio,
a mão estendida
sem esmolas
ou com esmolas
e o gesto duro
de piedade,
ou saltimbancos,
feira de circo,
riso de lágrimas
vendidas, pão
comprado em falso
divertimento.
A espera longa
do transporte.

O – adeus amigo! –
e o amigo perde-se,
perde-se amante,
perde-se filho,
perde-se emprego,
perde-se tempo,
perde-se esperança –
– adeus nossa vida
matada em nós!

Há, daqui
a nove meses,
tem novo filho
inevitável
e os cabelos
brancos crescendo
e a ruga triste
e menos coragem
e mais idade
e, depois,
a
Morte
Onde
Repousa
Teu
Espírito!

AMÉRICA AMÉRICA

... e os rios como oceanos de seiva circulando
o corpo ainda intacto da mãe inumerável!
Terás visto, correndo no coração de todos
este pequeno cântico sonoro, vivo e mágico
cantado por mulatos, por índios e por brancos
cantado pelos negros na comunhão das raças!

“Sabes seu nome?” – AMÉRICA, eu disse ou escutei
(ou pensei) e meus olhos fitavam comovidos
o perfil das palmeiras balançadas no vento.
E este nome de América crescia no meu peito
e ia ecoando ao longo da praia memorável.
Nem eu sei se eram ondas bravias se encrespando
se era o rumor do vento ou o próprio silêncio
já grávido de espantos, soltando seus fantasmas;
mas certo é que escutei esta palavra amiga
que em nosso ouvido tem um som incomparável:
América, diziam gênios do continente
e os rumores do mar nela se acrescentavam
quando as estrelas puras mais no céu se acendiam
e a lua alvos lençóis na praia desdobrava!
Maduro o mar de Agosto. Eu colhendo da noite
este longo silêncio maduro ou estas vozes:

– “E a tristeza sombria e amarga dos humildes
daqueles que nasceram na terra bem amada
e que diariamente lhe entregam sua vida
como penhor de amor sem pudor e sem mácula,
amarrados ao jugo tristíssimo da morte

e amassando seu pão na dor de suas lágrimas?

**“Acaso terás visto esses longos rebanhos
de teus irmãos tangidos ao trabalho nas fábricas
e a face anoitecida das mães que viram mortos
em seus braços, de míngua, aqueles que geraram
e vivem já na morte, mais do que assassinadas.**

**“Não vês que tudo compram os donos deste mundo
e vêem sem pudor negociar-te a alma
os sujos mercadores que pesam em moedas
todo o valor humano? Não vês como assassinam
o cântico dos negros irmãos e vão linchá-los,
brutais, com suas almas de carvão sem remédio?**

**“Vê o mundo que tecem – os músculos tornados
os senhores do homem, a vida dos cavalos
mais cara e preciosa que tua própria vida:
sangue de tuas veias arriscado em apostas!**

**“Não vês se aparelharem nos túmulos da vida
as ciências da morte, noturno desespero
acumulando gestos de horror e assassinato?
Não vês como circulam o corpo apodrecido
pelas veias o ouro e a morte nas artérias?
O amor escorraçado, preparam cemitérios
para a noite dos homens que tramam sem pudor.
O continente assiste a este pavor funéreo
e seu nome de América entregue às bocas sujas
onde rolam palavras negras como a desgraça
serve de manto às torpes usinas miseráveis
por onde os vendilhões planejam novo inferno.**

**América, pensei, teu nome ainda é puro
na boca dos humildes, no coração dos homens
que não vendem a vida nos balcões merceários,
mas este signo turvo confunde os pensamentos.**

“Não creias, sim, não creias – tornou aquela voz –
que possam silenciar os ritmos eternos
ou negociar a alma nascida em liberdade.
Aqui a terra vence o sono dos covardes,
levanta o coração assombrado dos tímidos
e transborda a coragem no peito dos heróis.
Que jamais o silêncio deterá estes rios
que alimentam o peito sagrado nas raízes,
este mundo obscuro de minerais ocultos,
este reino sem termo dos vegetais brotando!
Aqui foram plantadas as árvores da vida
e a usina da morte será decapitada.

“Escuta este rumor de América: são ventos
ou o coração das velhas florestas revoltadas?,
são pedras e metais e pássaros bramindo
sua revolta imensa contra os senhores bárbaros
que tudo negociam e tramam assassinios
sob este céu sem culpa mas tremendo de raiva!

“Seus olhos se fecharam para a festa das cores,
seus ouvidos são surdos às músicas aladas,
sua boca desdenha teu nome puro, América,
seus pensamentos correm num campo de cadáveres
mas eles desconhecem as ciências do trigo,
o arsenal supremo da terra atraíçoada,
esta fúria salina que circula nas ondas
e este sentimento de América mais forte
do que o poder sombrio de desumanas máquinas

“América te vejo florindo em outros dias
igual ao céu, ao campo, aos rios desatados
tecida de mil cores e de mil esperanças,
sem medo, sem miséria, sem fome e sem soldados,
ROSA DO MUNDO, entre as canções das crianças
e o futuro nascendo para lá destas lágrimas.
Ó pátrias de amizade anulando as fronteiras

e cada qual buscando as mais puras palavras
para te saudar, América, mãe nossa
sem mãos de usurpadores que possam corromper-te.

“América!” Escutei (ou foi meu pensamento
gritando em mim). “América”. E não sei que profundo
sentimento crescia em mim (ou em nós) poderoso
rumor que vinha misturado ao rumor do oceano
– maduro o mar de Agosto – e eu escutei-o imenso,
o cântico maior: era uma voz sem número
que suscitava a terra, os rios, as entranhas
materiais e o vento espalmava nos campos
uma voz que pedia teu corpo verdadeiro,
pão de comunidade, liberdade exigida
por milhões e essa voz dizia só: AMÉRICA!

Como se essa palavra já congregasse em si
as pétalas benditas da rosa desejada
e essa palavra era um prodigioso canto
que os ouvidos da noite colhiam com espanto.

SONETO DO
VIETNAM

A bomba de napalm está fritando
a carne espedaçada no Sudeste.
Relinham os canhões e aves uivando
sobrevoados os pântanos da peste.
A morte cultivada, amontoando
vai cadáveres bons para manchete:
é a vida, a leste e oeste, prosperando
no negócio da morte que floresce.
E quantos mais prodígios desabrocham
quando o século atinge o último quarto
na véspera intranquila desse parto
do futuro obscuro, a que se imolam
a puta de Saigon, amarga e nua,
e o astronauta pisando o chão da lua!

PRECE

O Cristo de Belém, filho de carpinteiro,
nasceu tão fácil. Era pobre, não tinha
onde hospedar-se, nem hospital-maternidade,
nem pediatra: nasceu na manjedoura mas nasceu água.
De repente eis que estava ali manso e humilde de coração,
bafejado pelos animais silvestres,
como um perfeito ser humano: simples, natural, imune
às perfídias e de coração aberto. Nasceu tão fácil
qual as verdades que iria multiplicar como pães,
a grandeza que iria multiplicar como peixes,
a humanidade que iria fazer brotar como o vinho da água.
É o cristo que haveria de nascer em cada coração?
Oh parto penoso e árduo: há dois mil anos a mãe –
humanidade geme e sofre e esse cristo não nasce!
E o que vem ao mundo são seres vazios do seu cristo,
amargos em seu cristo, hostis, ásperos, taciturnos,
porque, em vez do cristo devido, lhes nascem punhais no coração.
("Bem aventurados os pobres, os mansos, os que sofrem
perseguição por amor da justiça, os pacíficos etc"):
esse o cristo que deve pulsar em cada um, como os
ventrículos e aurículos). E não pulsa nada:
pulsam ambições, paixões, invejas, covardias,
insultos, malquerenças, mesquinhas, avarezas,
vanidades, orgulhos. falsidades como chama de punhais
afiados e consumindo. Oh! avessos que somos de nós,
antípodas que nos somos, eriçados contra os irmãos
como inimigos, dessangrado os corpos e pisoteando
o espírito nos vietnãs invisíveis da vida diária;
na floresta virgem do êxito, do lucro aí vamos
num atropelo – rebanho de feras uivando egoísmo.

Construindo falsas vitórias sobre o cadáver vivo
do próximo trucidado, fingimos vencer himalaias
e cámos coletivamente no poço sem fundo.

Vem amanhã
manhã vem
no cristal
do sino
de Natal

o pobre presépio ainda há
o boi e o jumento ainda há
herodes ainda manda em judá
pastores pela noite vão
madalenas choram em vão
ninguém multiplica o peixe e o pão
não haverá mais salvação?

faça-se cristo o coração
faça-se cristo o coração
faça-se cristo o coração

O Cristo de Belém, filho de carpinteiro,
nasceu tão fácil. Era pobre, não tinha
onde hospedar-se, nem hospital-maternidade,
nem pediatra: nasceu na madrugada.

SAMBA / CORAL

Ponham a mão
no coração
porque meu samba
é de batida
coração.

Como refrão?:
– Eu digo não.
– Eu digo não.
– Eu digo não.

Pode a palavra traduzir uma emoção?
– Eu digo não?

A vida inventa,
a vida canta,
a vida planta,
a vida aumenta,
a vida é tanta
que não cabe
na vida!

É flor que se abre
previvida
nas palavras
da invenção!

É a Poesia incompetente
a traduzir uma emoção?
– EU DIGO NÃO

Se o Pão é vida
é justo o Pão que hoje nos dão?
– Eu digo não?

A Terra é grande,
o chão fecundo,
é nosso o Mundo,
é nosso o grão de
trigo ou de amor
paixão ou flor;
se a fome é igual
e o pão também
e a Terra é mãe
por que não vem
o Pão geral?

Se é a colheita um mutirão
poderá haver boca sem Pão?

– EU DIGO NÃO

Poderá um gozar a fêria
que ao outro só cabe em miséria?
– Eu digo não?

Bem repartida,
a safra havida
seria vida
multiplicada;
mal dividida,
desumanada
é a mão fechada
contra a vazia.
É a noite e o dia
na melodia
desafinada.

Haverá amanhã de Homem
se do Homem não é irmão?
– EU DIGO NÃO.

Haverá amanhã do Homem
se é muito mais livre seu cão?
– Eu digo não?

É livre o vento
e o pensamento
e o desalento
e a solidão;

é livre a morte
mas por que a sorte
e a comunhão
se busca em vão?
Do sonho ao ato
tudo é hiato
de negação.

O homem será senhor de estrelas
se os pés lhe prendem em cadeias?
– EU DIGO NÃO.

Melhor é a capa
ou o que escapa
da visão?
– É sim ou não?

Branca, vermelha
ou amarela
ou negra a cor
pouco revela
pois que só vê-se o
que é avesso
e o direito

se esconde dentro:
lá dentro onde
o sangue se esconde
igual vermelho!

A cor da pele
desirmanava o coração?
– EU DIGO NÃO!

Mas se viceja o ódio e a guerra
tem a Terra
salvação?

– Eu digo não?
Ontem foi noite,
foi açoite,
foi galé,
foi arena,
foi cristão
contra leão
e Inquisição
foi mas não é
pois amanhã
é rima de manhã!

Se a noite se faz madrugada
amanhãs anoitecerão?

– EU DIGO NÃO!
– EU DIGO NÃO!
– EU DIGO NÃO!

**VÁRIAS HIPÓTESES
DE JOSÉ DA SILVA**

**Começou no poder-ser
da adolescência, no incerto
Caminho par da ternura
com as urgências do sexo;**

**Começou pelo crepúsculo
a mão dada e o beijo terno,
o amor, a paixão, desejo
o inseriram no contexto**

**de fértil ventre abaulado
gigante frágil e tenro!
promessa de planta viva
florindo em fértil terreno;**

**ali na gruta sagrada
vivendo sob o avesso
foi feliz que não cuidava
e o cuidava o sangue espesso**

**materno todo fluindo
pelos rios do desvelo:
era uma planta na estufa
fora do externo contexto...**

**mas o que é bom dura pouco
e um dia eriçou-se o avesso
onde vivia protegido
e fez dele seu corpo externo:**

um pequeno ser humano
gritando pelo oxigênio
e sorvendo ávido o sangue
branco nos maternos peitos

avós, tios, pais, parentes
em trágico apressamento
cuidaram de dar-lhe um nome
que o inserisse no contexto:

digamos que o apelido
que lhe deram (por genérico)
foi o de José da Silva
que é comum e brasileiro.

Até aqui a mecânica
mais ou menos aparente
através da qual qualquer
se vê no mundo vivente

(que ainda não inventaram
a fórmula desigual
para ser alguém parido
por condição social).

Até a palmada e grito
que insere o Homem na vida
há uma perfeita igualdade:
todos são Josés da Silva.

Depois do primeiro berro
é que as coisas se complicam
e vão do JOSÉ DA SILVA
até o José da Silva:

que é o mundo prateleira
subindo do chão acima

e os homens, como livros,
a níveis desiguais ficam

e por assim arrumados
hipóteses justificam
como as que eu simbolizo
nestes três Josés da Silva.

Hipóteses que, se pecam,
é apenas que na vida
há muito mais prateleiras:
e não serão três mas trinta.

Mas quando essas prateleiras
se agrupam, por parecidas,
há as de baixo, as do meio,
as de cima e as indecisas

assim essas três hipóteses
embora mui resumidas
bem que podem ser a e(hi)stória
do muitos Josés da Silva!

HIPÓTESE A:

José da Silva Primeiro
nasceu numa palafita
com três metros por três metros
de sala-quarto-cozinha,

tecidos numa só pela
dessa estranha alvenaria
que em finas pernas de caibros
sobre a lama se equilibra;

no momento em que seu grito
a madrugada feria,

o marulho da maré
em coro lhe respondia

como um aviso de angústia
a prevení-lo que a vida
lhe seria uma salsugem
dos esgotos corrompida

e essa mesma salsugem
envenenadora e fria,
ao longo de toda a infância
pão de seu ar se faria

como a lama venenosa,
chão de sua palafita,
se faria safra e alento
de sua precária vida

pois só mergulhando nela
e tateando seu visgo
de caranguejo e siri
tinha o estômago entretido;

como, depois do romance,
o autor de sua vida
lhe deixou a mãe viúva
antes de comprometida,

José da Silva foi criado
por sua boa madrinha
Natureza que lhe deu
tutano além da medida

e esperteza necessária
para, na trama tecida
do trabalho recusado
ter seu pão de cada dia.

Por fim, não tendo morrido
no prazo que a estatística
com mais frequência confere
aos filhos das palafitas,

julgou a vida por bem
que uma chance merecia
e lhe permitiu trabalho
em profissão salário-mínima

pela qual tinha seu soldo
uns quinze dias em trinta
para se manter vivente,
sua mãe e sua amiga

e dos seis filhos havidos
o casal que ainda tinha
depois de pago o imposto
à morte, que lho devia.

Assim, tirando da lama,
seu jardim e sua horta,
o complemento da ração
para sua vida pouca,

foi de pior em pior
até que a morte caolha
dividiu menos o pão
que cabia a cada boca:

levou-lhe a mãe ao repouso
da cama final de todos
e a filha foi cultivar
a boa amizade da noite...

Como tudo que lhe coube

também essa melhoria
durou seu pouco da vida
igual ao salário mínima.

E assim se resume a e(hi)stória
do nosso José da Silva
primeiro que tem segundos,
segundos que são inúmeros.

HIPÓTESE B:

José da Silva Segundo
tem história parecida
embora não mergulhada
em poço tão sem medida;

não nasceu por sobre a lama
em sala-quarto-cozinha
de três metros por três metros,
medida de palafita:

em sua casa de taipa,
coberta de palha, havia
espaço menos escasso
e peças menos contíguas,

contudo, por serem muitos
irmãos em sua família,
a casa se congestionava
se todos adormeciam

pois de armadores e caibros
muitas redes que pendiam
davam vários pavimentos
para a casa adormecida;

de dia, porém, a casa

parecia mais crescida
pois despejava na rua
quem dentro lhe não cabia.

Um pouco pelo milagre
que as mães pobres realizam
o rancho, pesar de pouco,
muitas bocas atendia

naquela medida sóbria
de estômago sob medida
que os corpos condicionam
a dimensão entanguida.

Sendo seu pai operário
e sua mãe costureira
pôde comprar livro e farda
e aprender primeiras letras

mas cedo fazia falta
seu braço à lida caseira
ou na busca dos biscates
para acrescentar a renda

da casa que se apoucava
quando a família crescia:
a exigir menos lições
do livro do que da vida.

José da Silva Segundo
chegou até seu tamanho:
até ser, como seu pai,
um operoso operário

e, numa vida curtida,
erguer sua casa de taipa
coberta a palha e fazer

na mulher filhos que bastam

pra por vários pavimentos
nas redes adormecidas
e multiplicar o mundo
com iguais Josés da Silva.

HIPÓTESE C:

Mais feliz que os dois primeiros
o terceiro José da Silva
conseguiu quebrar a casa
da vida salário-mínima.

Em noites de pés-na-água
e o coração feito tripas
subiu no duro degrau
do ensino (que multiplica

as portas menos fechadas
para as varandas da vida)
até ao ponto mediano
das pequenas perspectivas

e pôde tentar o ingresso
na numerosa família
da pobreza engravatada
ao cofre público fixa

para viver exercendo,
nos livros a que se dedica,
a contabilidade farta
contrária da sua – exígua,

feita de pequenas somas
sempre muito divididas
na conta que nunca fecha

das entradas e saídas,

sonhando as inalcançadas
e apeteçadas chefias
sempre a outros destinadas
pelas razões conhecidas,

curtindo mágoas amargas
de frustrações repetidas
e adiando para nunca
as sonhadas melhorias;

vivendo à espera de aumentos
que quando se realizam
de tanto tardar se chegam
já diminuídos ficam;

zelando a camisa par
e as gêmeas calças puídas
para poder socorrer
a mulher, em sua anemia,

e as despesas escolares
dos filhos que não cabiam
no orçamento precário
com que o premiou a vida.

E quando afinal José
da Silva Terceiro, um dia
conseguiu subir do nível
que há vinte anos curtia

não chegou ao fim do mês
pra colher a melhoria
pois foi, compulsoriamente,
aposentado da vida.

O TEMPO DOS CONGLOMERADOS

Lá vem chegando o tempo prometido
das crianças geradas na proveta,
premeditados gênios em seus frascos
sob encomenda entregues nos seus plásticos;
e as pílulas do pranto ou do sorriso
do ódio ou do amor estão na gaveta;

grandes conglomerados nos armários
têm disponíveis homens com relógios
para comer, dormir e trabalhar
e o quarto de hora do amor diário
e fêmeas com eletrônico ovário,
belas pin-up-girls de calendário
em condições de preço e prazo ótimos;

para evitar insultos cerebrais
os crânios são inflados de vazio
e ligados a máquinas geniais
que programam idéias e ideais
sem humanas paixões tradicionais
no impulso cibernético sadio;

hidratos de carbono e proteínas
substituem alfaces poluídas,
sintéticas maçãs e tangerinas
nascem de árvores de polietileno
e em vez de obsoletas sopas, tortas,
o homem, livre dos riscos dos venenos,

vai devorando naturezas mortas;

O risco da super-população
foi definitivamente superado
pois ninguém nasce ou morre enquanto não
for excedente ou for requisitado
pelo sábio sistema da engrenagem
(o consumo é função da produção)
que multiplica a máxima vantagem.

Abomináveis degraus sociais
contraversores da humanidade
foram definitivamente superados
em favor de uma fórmula resumo.
O mundo agora é simples: desiguais
e nítidos na só diversidade
— a numerosa massa de consumo
e o estrito núcleo dos conglomerados.

E, como o grande sal que dá tempero,
o enlatado da comunicação
plantando o mesmo sol ou desespero
em cada olhar e cada coração,
pra tudo ser inverno ou ser verão
e a lágrima rolar ou haver sorriso
na face universal do paraíso.

Lá vem chegando o tempo deslumbrado
de o impossível ver-se consumado,
do inacreditável trivial,
do homem infalível como um deus!
Quem não é deus chegou a seu final:
está na hora de cantar adeus.

MEDITAÇÃO DA PONTE

Direis que não existe
como se isso fosse essencial
(sempre a mesma incapacidade
de ver além dos acidentes...)
Pois é nela que me debruço
e sob ela passam as águas
e o rio fica. Passo-me em águas
e rio fico. E, de repente,
é como se num espelho mágico
(mágica lanterna) com as águas
fossem transcorrendo as coisas, as pessoas,
pedaços de mim e alheios,
coisas, pessoas, eu, eles havidos
mas estranhamente combinados
em outras formas de ser(mos)
pessoas, coisas, eu, eles.

Os olhos dela vindo ao meu encontro
absolutamente despídos do que, nos olhos dela,
pôs amargura para sempre nos meus olhos;
os olhos e o sorriso e o aproximar
de ambos, vindo como um navio
para seu definitivo ancoradouro.
Os olhos de mãos dadas com o sorriso
e um silêncio denso de palavras ouvidas
e não pronunciadas.
E o sorriso, os olhos, as palavras surdas-não-mudas
eram todas quantas amei e me desamaram

e articularam um outro rio (não este
que existe porque não existe),
que foi gerando o pântano da solidão, Ó ponte!
como esta tua, apenas testemunha
das inconsúteis águas.

Olhos, sorrisos, palavras não faladas
como me trazeis todas Elas, somando
e multiplicando a cor, o tom, o som, o cristal
de cada uma para despir esta carne sagrada
sobre um leito ponderoso de águas:
seu(s) cabelo(s) caído(s) sobre o(s) ombro(s)
– noite ou sol –, as pálpebras amortecidas,
as narinas arfando, o desejo que meus dedos
tocando-te como harpa, iam afogueando
na rosada cor da face
e os lábios mal-abertos
entremostrando os dentes de neve represando
a mal contida língua,
o débil pescoço se desdobrando:
na primeira região dos templos
onde sagrados montes coroam
a palidez das escarpas
com o róseo cimo dos mamilos;
e ao longo dos longos e débeis
braços, que como agudas cordas fremem
ao meu toque para atraírem minha sôfrega cabeça
ao contato de teu chão desvendado.
Vejo-te a planície que das regiões elevadas desce
para o grande vale sagrado
onde musgos suaves mal escondem
o tabernáculo do prazer com sua gruta
recôndita e úmida.
Tremem tuas coxas nervosas como um potro
pronto a cavalgar infindáveis campinas
e assim oferecida e mansa vens oferta
à minha solidão para que nos povoemos!

Eis que ouço um sussuroso sibilar de águas.
Desperto. Como que a lanterna mágica se apaga
e sou apenas nesta ponte ímpar, só,
com o rio (ir) real sob nós indo e estando
como vou e fico: para sempre? Até quando?

Acende-se novamente a visão outra das coisas,
das pessoas, de eu, de eles, mergulho
no outro rio da (in) verdade verdadeira
e impossúfda.

Somos agora milhões. Todos. É madrugada.
Um imenso rebanho de animais e plantas
nos oferece, às todas mãos-dadas, a litania
de seu mel, do leite alvo como os seios da amada,
os frutos maduros e doces como sua boca,
a fartura terna e irmã da abundância
pacificadora como a posse dos corpos.
Ouço cânticos gerais.

e o chão povoado de pessoas felizes como coisas:
pedras, animais, plantas. Um frémito
nos povoa a todos, igual ao do corpo
deslumbrado e nu que antes viera
para minha solidão nas marés breves do rio.

Mas sob a ponte que me é sob,
sob o meu sentimento de habitante da ponte
e sob o não-saber se sou menos ou mais
do que pensar que ela me acolhe e permite,
imagens mágicas se desacendem. Toco meus olhos
para despertá-los de mim. E os reabro
para outra imagem refletida (não reflexa)
que de minha solidão projeto da ponte no rio
ou a ponte permite que o rio em mim projete.

E quase mais não sou que um fio
no novelo do rio. E com ele
me desembrulho para ir com ele

ao mar da multidão. Ou da solidão maior.
Ou a consciência disto ou qualquer
outra penumbra me possui e o que vejo
ou que me vejo no mar deste rio
– espelho mágico – são, de novo:
os olhos sempre antes olhados com a negaça
de amor, o aceno de amor, a(im) promessa de amor,
uns olhos que não vêm – vão, partem
mesmo quando chegam, uns olhos que põem
os desnudos corpos amados além
como se uma lente se fosse fazendo míope
e os fosse atraindo na noite da miopia
para a distância, o longe, o nunca-mais;
as coisas, as pessoas, eu e eles (nós-vos)
iguais aos desiguais quotidianos, desirmãos,
com as mãos sujas pelo óleo do sangue,
das lágrimas, do suor dos irmãos,
a boca cheia de palavras pantanosas,
a ambição florindo sobre a lama como rosa fétida,
flor homívora e insaciável,
as pessoas se desmudando em coisas:
um rebanho de coisas desamparadas e inúteis:
estômagos e sexos estimulados
para o esperma infecundo
e os excrementos.

Sob a ponte, sobe à ponte uma acre
maresia de salsugens decompostas.
A maré vazou e, por certo, os esgotos
insuflam agora a usura da água.
O rio não flui mais. Nada nele se reflete.

Rio não há. Sem rio
as pontes desacontecem. Estou pois debruçado
em não haver a ponte. Sobre mim me debruço.
E, não sendo um rio, porque me ressequi
de angústias, nada nas águas vejo

que não são. Serei mais que uma ponte
sobre a morte do ontem
e a definitiva morte do amanhã?

E, à ponte, me digo:
se não há rio ou águas
nada mais és que um vão
de solidão.

CONSUMO&DOR

1. Quem é este pobre
ser que vai levado
entre as inconsúteis
lâminas sem cabo;
que perfil é esse
de desamparado
triste semovente
ruminando amargo
que fala o silêncio
de que vai cercado;
como, sem correntes,
vai acorrentado,
a que matadouro
marcha assassinado?
2. O homem. A mulher. O letreiro luminoso.
O guarda. Os carros. A praça florida.
As armas. Os clarins. A banda. A parada.
A trança menina, a menina, a dança.
O vento no cabelo. O sorriso belo.
O adultério. O cemitério.
O perfume, o ciúme. Os pés. Os passos:
sapatos, pernas, o homem, a mulher.
O letreiro luminoso. A propaganda.
A cidade. A velocidade.
O Homem-insumo:
O CONSUMO.
3. Quem é este pobre
consumidor:

qual o seu consumo
se o consome a dor?
Pra seu apetite
de manhã e flor
só empacotaram
noite sem amor;

pra sua demanda
de alegria e cor
cobriram vitrines
de papel crepon
e pra sua fome
de vida interior
fizeram pacotes
de nada-melhor...

4. Ó vitrines, estelar noite das cidades!
Guloseima plástico-metal a aguçar o apetite
de compradores anêmicos. Ó celofanes,
borbulhante alka-seltzer
estimulador da célula hepática das bolsas murchas.
Ó porta-seios artificiais, nádegas artificiais,
cílios artificiais! Ó perucas
loiras, verdes, lilazes, azuis
propícias a encher por fora as cabeças ocas!
Ó super-bocas batonizadas, mulher avesso da natureza,
que não apetece mais amor mas contas bancárias!

5. O homem não ama
mais sua maria,
joana ou florisbela
e sim mais-valia;
a mulher não ama
o homem que a completa
mas sua mais-valia
e o que resulta dela;

o filho não ama
quem o gerou, também,
só corcéis, interlagos
que a mais-valia tem;
e a gente não ama
quem mais viva ou mais pense
mas quem menos o faça
e mais-valia condense;
e quem produz mais-valia
poderá amar a idéia
de sua menos valia
pra mais-valia alheia?

6. Ó que belas máquinas! Que sábios computadores (computam dores?! Que luzentes cérebros eletrônicos! Que satélites comunicando, que movimentadas bolsas, que cidades de concreto e vidro, que lojas, quanta circulação, que maravilhosas estatísticas de carvão e aço, que séries de automóveis rolando das aciarias para as ruas, que viadutos, oleodutos, gasodutos, que exemplares produtos! E os sub-produtos?
7. Como é bela
a favela
azul e amarela;
que ruído
colorido
da bala no ouvido;
que floração
de gozo-ação
na prostituição;
que doçura
na cobertura
de jornal em noite pura;
que inaudita

arquitetura
da palafita;
que aconchego
de sossego
no desemprego;
como consola
a esmola...!

8. O iate e o calafate. O luxo e o lixo.
O almoço e o osso. O posto e o imposto.
A farsa e a lágrima. A dama e a ama.
O milagre e o desastre. O excesso
e o resto.

9. Quem é este pobre
animal que pasta
apenas angústia
e paz recusada?
Quem é este pobre
bicho cuja erva
que rói é um veneno
em que se alimenta?
Quem é este ser
já tão diferente
de quanto seria
se fosse existente?

10. Ó pergunta vã
que ninguém responde:

é o filho da manhã
padecendo a noite,
é a vida florindo
sua própria morte.

TROPICALIA

“Que é dos pintores do meu País estranho
que é dos pintores que não vêm pintar?...”

ANTONIO NOBRE

Cadê os pintores do meu país estranho,
cadê os pintores que não vêm pintar?

Estas palmas e o verde vento nelas
e o mar praiado
ou olhando dos mirantes almirantes
– janelas caravelas –
e os juçarais que o vento curva
como mordomos
até o pó do chão vermelharelo
e a verde-suja e doirada
podridão da Baixada
e as ácidas longidões
dos chapadões
e a catedral da mata
com seus paudarcos
roxos, cedros, mognos

– cabeleira da terra crespa e densa
florindo em humus milenar;
e os rios engordados
de lamas, bagres, mandubés
sob as bâtegas sólidas
de invernos perdulários;
e os arrozais verdedourando

e os cocais se espalmando
em sombra nos capins
que há séculos sustentam
a ruminante paz das pecuárias!

Cadê os pintores do meu país estranho,
cadê os pintores que não vêm pintar?

Estas veredas tropicais
nas matas e capoeiras
e a paz dos quintais
sob as mangueiras
e os casebres que a terra nutre
nas paredes de taipa
e a mata aconchega nos telhados
de suas palhas,
estas crianças opiladas,
cinzentas que dividem
com os vermes
o almoço de farinhas
e canjicas;
esta infância sem alfas
e sem betas
e devorando terra
na vingança precoce
de quem vai
precocemente devorar
o adulto – precoce velho;
as desventradas mães rurais
parideiras no compasso anual
das anemias, plantadoras
de cemitérios rústicos
e como engenhos de polias lassas
quebrando o pão ósseo do coco
de cada vida;
e seus descarnados parceiros
de rede e miserere nobis

sobrevividos, na esmola natural da caça
– e da pesca, às avarezas da ignorância
e à usura do foro
e da safra vendida na folha;
e o seu colorido mundo
das tiquiras,
álcool-motor da lúcida demência
e da sobrevivência,
arara e arco-íris da ternura
de esquecimentos e calorias
e retornado ventre
de infancias vizinhas da morte.

E as lagoas, os igarités,
as enseadas, ilhas
dentro e fora da terra
inconclusa dos mangues
que se faz e desfaz
insegura qual vida
subdesenvolvida;
e a teimosia de gentes e de verdes
à primeira chuva
na eterna tarefa das safras,
homem-terra casados
na bovina fertilidade
dos cios telúricos

E cadê os cantores do meu país estranho,
cadê os cantores que não vêm cantar?

O búzio dos aboios
e mugidos na faina dos currais
e descampados verdes;
o túrgido rugido dos felinos
a estraçalhar bezerros;
a grita algaraviada dos pássaros
nas matas e florestas;

a cantiga dos rios
e o sonoro silêncio das noites
sob a concha acústica
dos tambores de mina e de crioula;
e o vozeirão da solidão gritante
ou fio de água de um sino
na capela branca
do povoado pardo;
a serraria rascante das cigarras
e azeitada dos grilos
e o contraponto dos sapos
nos charcos
e o violão das obsoletas serestas
e a cantoria trágica
e embriagada dos acompanhamentos
de defunto, ou o resfolegar
do fole nos arrastapés
de casamento e louvação de santo;
e os sons surdos
de árvore caindo na mata
ou do punhal penetrando
os ventres desafetos;
o atabaque das balsas
na guerra da caça
ou da grilagem;
a restinga do vento
nos coqueiros;
o matraquear
das queimadas;
bumba-meu-boi
e patas dos cavalos;

a maresia das folhagens
e do oceano:
este somelodia,
esta festa
da natureza

em sinfonia de seresta!

Cadê os sábios do meu país estranho,
cadê os sábios que não vêm sabiar?

Como e por quê, neste onde e quando
isto Homem sobrevivo há milênios
na pedra lascada ou centenas
de escravidos,
luxúrias e delírios corporais
e ais de chicotes
e deformações de troncos
e correntes e gargantilhas
de ferro e estuporações
de pavores e de ventres impúberes
e sangue pingando ouro
e safras de libras esterlinas londrinas
e leilões de gente-gado
e trucidações de indígenas
e maus-olhados, despachos,
amuletos, pragas, ódios
avermelhando olhos e explodindo
corações; e tramas e vinganças
de balaios;
bequimões e silvérios;
como e por quê, neste onde e quando
isto Homem!, esta multidão
descarada ou disfarçada
em santos, mártires, poetas,
profetas, apesar das cabeças,
tronco, membros
mal conformados de herança;
isto Gente!,
mistura de lâmina e veludo,
macia e cortante,
cantante e muda,
doce e astuta,

egoísta e desprendida,
mostrada e escondida,
solar e lunar,
lagoa e mar,
florestal e areal,
vizinha e sozinha,
gentinha rainha,
desleixosa-assombrosa!
Isto Gente!,
morrendo vida,
vivendo a espera
descumprida
mas teimando em florir
cada amanhã
outra espera de vida!

Cadê os profetas do meu país estranho,
cadê, por que não vêm profetizar?

O amanhã de verdes
esperanças nas palmas
e azuis
nos olhos das lagoas
e brancas
nas dunas e espumas
e vermelharelas
no chão grávido das safras,
e cantantes
nas águas e sorrisos
dos rios e dos rostos,
da indústria próspera
das coisas:
milagre da multiplicação
de pães e peixes

para todas as fomes;
na morte só colhida

quando fruta madura
bem nutrida
na carne amada
sem avareza,
na colheita da beleza
de faunas e de flores,
quando a vida
é mão colhendo abricós e sabiás,
sábua no jeito de outras mãos
e o amor o único despacho
de todas as Igrejas sem igreja.

Assim seja!

Bandeira Tribuzi



Composto e Impresso no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas
do Estado – SIOGE
Rua Antônio Rayol, 505 - São Luís - MA
Tel.: 222-5744

